

OS HERDEIROS DO PRÍNCIPE

Dinheiro não é tudo...

ROCELITO PAULO PINTO

Ficha catalográfica (opcional).

Caso deseje, a Câmara Brasileira do Livro faz este serviço, cobrando R\$ 25 para associados e R\$ 50 para não associados.

Para saber mais, visite a página:

<http://www.cbl.org.br/telas/servicos/sobreFicha.aspx>



Dedicatória

*À minha esposa,
Ana Paula,
A quem muito agradeço os desafios de e para escrever!
À minha mãe Celi,
Que sempre elogia minhas ideias como se não fossem ideias
E nem minhas...
Às filhas Ana Beatriz e Ana Carolina,
Por criticarem todas as minhas ideias
Por serem contra a todas elas!
Aos amigos que nunca deixam de ser Amigos,
Aos irmãos que são presentes como Irmãos,
Aos mestres que jamais se importaram em ser aprendizes,
Aos pais que caminham com os filhos
e
Aos que procuram a essência da vida
Em todas as dimensões...*

*Porque na vida,
Se não soubermos viver
Como aprendizes, amigos e irmãos,
Não importa viver!*

1 - O advogado	11
2 - Os monges	14
3 - Pior que um tribunal	17
4 - O defensor do direito	22
5 - O herdeiro	27
6 - A hora da verdade	32
7 - O advogado e os advogados	37
8 - O mistério e o monastério	42
9 - Longe do monastério	52
10 - Novos rumos	56
11 - Na estrada e na história	62
12 - A casa da tragédia	66
13 - Novo contrato	72
14 - Quadros da vida	76
15 - O filho da tragédia	82
16 - A tragédia do dinheiro	89
17 - O silêncio fala mais alto	95

18 - No tribunal	100
19 - Encontro inesperado	106
20 - A tragédia de uma filha	110
21- Almas na praça	118
22 - Juízes e justiça	122
23 - Maria Tereza	126
24 - A torre de São Paulo	133
25 - Audiência	140
26 - Emergência	148
27 - Inquirição	151
28 - Hospital público	154
29 - Remédio para dormir	160
30 - A paciente	161
31 - Rosto de menina	164
32 - Caso de polícia	166
33 - Roupas novas	172
34 - Ruínas	177

35 - Protetor e protegida	183
36 - Primeiras revelações	185
37 - Desconfiança	192
38 - A primeira conquista	197
39 - Despedida	204
40 - A fuga	207
41 - Tereza vai para casa	213
42 - Nova demanda	216
43 - O príncipe dos negócios	219
44 - A justa e a injusta justiça	223
45 - A família do príncipe	227
46 - O mensageiro	232
47 - Rastros	237
48 - Pequeno anjo	243
49 - Vítor	251
50 - Amor e gratidão	255
51 - Socorro e solidão	260

52 - O olhar de Tereza	268
53 - Instruções	277
54 - Bárbara	282
55 - Festa baiana	287
56 - Coluna social	292
57 - Primeiro encontro	294
58 - O primeiro beijo	297
59 - Negócio fechado	308
60 - Mariarcão	313
61 - É a guerra	321
62 - Todos a bordo	328
63 - Pontas soltas	336
64 - Parede nua	340
65 - Fios de cabelo	342
66 - A guerra continua	347
67 - De volta a Salvador	352
68 - Meio milhão	356

69 - Plano de segurança	361
70 - Chegada em alto estilo	364
71 - A senha de Sebastião	366
72 - A morte do príncipe	371
73 - De volta ao monastério	379
74 - Recepção dolorosa	382
75 - Cinturão de Órion	389
76 - Desespero	395
77 - O olho de Tereza	399
78 - Sombras do quadro	406
79 - Padre Alex	408
80 - Sentimentos atravessados	415
81 - Os filhos de Tereza	423
82 - A menina Maria Tereza	430
83 - Nem anjos nem guardiões	433
84 - Os filhos de Silvana	438
85 - O herdeiro do príncipe	447

86 - Pela primeira vez, Mário	450
87 - Imperadores e empresários	454
88 - A herança do príncipe	457
89 - Os herdeiros do príncipe	462
90 - Filhos	465
91 - A sepultura de Maria Tereza	470

1 - O advogado

– Boa tarde!

– Boa tarde, meu jovem... Que Deus o abençoe! A que devemos a honra da visita?

– Meu nome é Oswaldo dos Santos Nasques Machado, Doutor Machado! Sou advogado... Estive aqui há dois dias e solicitei agendamento para hoje, uma entrevista com o senhor Abade...

– Ah sim, pois! Estávamos à sua espera! A nossa Ouvidoria está ciente de sua visita, sim senhor, e irá atendê-lo em instantes. O doutor tenha a bondade de me acompanhar, por obséquio.

– Muito obrigado!

Era um casarão branco, dois andares, janelas e portas azuis, telhas canaletas de barro cozido, contíguo a uma capela construída em 1648. De frente, da direita para a esquerda, um cemitério, depois uma capela de uma torre formando conjunto com o Monastério. Eram quatro entradas, a primeira do cemitério, a segunda da capela e a terceira da secretaria.

Entraram pela secretaria, o monge à frente seguido pelo advogado. Circularam silenciosamente pelos corredores infinitamente brancos para Machado. Vários nichos com imagens iluminadas por velas que os vigiavam como sentinelas, tornando o ambiente lúgubre apesar de solene.

O monge conduzia o advogado tão lentamente como uma procissão imaginária. Para suportar aquela marcha, Machado contava mentalmente as portas, todas comportadamente fechadas, solidariamente iguais, a parte superior em arco harmonioso...

Eram tantas portas que Machado se distraiu e perdeu as contas a partir de alguma porta qualquer, talvez um pouco antes ou um pouco depois quando mudaram de corredor.

Machado estava impaciente... Os passos do monge eram lentos para o seu desespero e o silêncio chegava a ser perturbador. Machado suava, mas não sabia se era por causa do calor do lugar ou por causa da situação inusitada para a sua experiência de advogado.

Decidiu desviar o seu pensamento e tentou de alguma forma adivinhar a história tricentenária escrita naquelas paredes brancas e beneditinas em adobe e cal.

Finalmente o monge se deteve diante de uma das infinitas portas, mas levou uma eternidade para abri-la, então fez sinal para que Machado entrasse.

– O senhor faça o favor de aguardar um pouco. A Ouvidoria não vai demorar a se fazer presente.

Machado entrou.

Era uma sala grande, pé direito alto, poucos móveis. Dois bancos de madeiras compridos nas laterais, no fundo uma mesa simples e comprida com três cadeiras de um lado da mesa, frente para a porta, e uma cadeira solitária do outro lado, de frente para a mesa.

Nos cantos da sala dois pequenos oratórios, com velas acesas. Machado não identificou as imagens... Então ele lembrou que não entendia de Santos, e que mal sabia rezar o Pai Nosso!

Machado teve vontade de tirar o seu paletó e pensou em afrouxar a gravata, mas lembrou de que estava a trabalho, precisava não apenas impressionar, mas também tirar o melhor proveito de toda aquela situação num território que não era o seu...

“Não! Melhor não!”

Sua testa derretia em suor. Sentou-se em um dos bancos, colocou a pasta preta ao seu lado. Apoiou-se sobre os próprios braços e jogou a cabeça para trás e deu um longo suspiro, mal viu quando a porta foi lenta e silenciosamente aberta...

Entrou um monge carregando uma bandeja com um jarro d'água e quatro copos de vidro simples. Após fazer um aceno com a cabeça, limitou-se apenas a colocar a bandeja em cima da mesa.

O monge saiu do mesmo jeito que entrou, solene, silenciosa e lentamente. Machado sentiu sede, mas não sabia se poderia se servir... Resolveu que seria melhor esperar!

Machado não soube quantos séculos teve que esperar, mas esperou uma eternidade que não tinha. Resolveu exercitar mentalmente as palavras que precisaria dizer...

Repassou o seu esquema, revisitou sua estratégia... Sabia que sua tarefa não seria fácil. Nunca tinha lidado com religiosos antes e principalmente no ambiente deles.

2 - Os monges

De novo a porta se abriu, vagarosamente. Um monge entrou e segurou a porta. Machado prontamente se levantou. Logo entraram mais dois monges, os três vestidos rigorosamente iguais, um hábito marrom comprido, atado por uma corda, a cabeça ocultada sob o capuz.

O segundo monge se dirigiu para a cadeira do meio, o terceiro seguiu para a cadeira da esquerda, e o que segurava a porta se aproximou da cadeira à direita. Foi este último que apontou a cadeira solitária que estava do outro lado da mesa para Machado, mas eles não se sentaram.

Machado pegou sua pasta e ocupou o assento a ele destinado, deu um sorriso tímido e estendeu sua mão, embora sem saber a quem devesse cumprimentar primeiro.

O monge da esquerda levantou a mão direita na direção do peito de Machado e sem cumprimentá-lo, fez um pequeno gesto em sinal da cruz, enquanto pronunciava palavras lentas:

– Que o Senhor o abençoe e o traga em paz, meu filho!

Em seguida virou a mão com a palma para cima sinalizando para o Machado posicionar-se frente à cadeira a ele destinada.

Machado tinha entendido que era para se sentar e o fez. O monge à direita pigarreou e Machado, ao olhar para o monge, viu que cometeu uma gafe e se levantou tão rápido que teve sensação de tonteira.

Imperdoavelmente para um advogado, Machado se sentia estranho e desconfortável com aquela situação. Depois um silêncio sem fim, o monge que estava ao centro metodicamente se sentou, no que foi seguido pelos outros dois. Machado olhou para o monge da esquerda e este lhe disse:

– Pode se sentar agora, Doutor! Fique à vontade...

– Boa tarde, senhores!

– Parece ansioso, Doutor, mas peço que aguarde com calma, por obséquio! Somente mais alguns segundos, por favor...

Machado respirou fundo e prendeu por alguns segundos a sua respiração. Uma velha técnica para enfrentar o tribunal. Uma antiga técnica para retomar a si mesmo... Ele sabia que não seria tarefa fácil, mas não imaginava uma situação tão surreal.

Os monges inclinaram a cabeça e Machado entendeu: hora de orar...

Machado pôs a pasta em seu colo e apoiou seus braços sobre ela, fechou os seus olhos. Machado não sabia rezar, mas não queria causar uma má impressão. Mais do que isso, Machado não podia causar uma má impressão!

Machado não conseguia acompanhar aquelas palavras em latim. Tentou rememorar uma música calma, mas seu nervosismo não deixava. Apertou ainda mais os seus olhos e tentou pensar apenas na sua causa, todavia até o pensar parecia impossível.

Machado precisava mesmo daquela causa, mas até agora ele não conseguia se sentir dentro de si...

Machado pensou na extravagante peregrinação que fez durante os últimos meses por conta desse caso... Cada pista, cada contato, cada pesquisa, cada cartório, cada endereço, cada testemunha e agora o sucesso de tudo residia bem ali...

Depois de atravessar o país, Machado foi parar num Monastério, no meio de um canavial... Machado foi parar num Monastério no meio de um Templo esquecido no tempo...

Machado sabia que estava a poucos passos do ponto de inflexão do seu caso. Ou tudo ou nada! Todas as cartas na mesa... A estratégia por enquanto não estava dando resultados

para ele, Machado não estava se sentindo seguro... Machado então começou a pensar...

Os honorários prometidos proporcionariam uma boa entrada num apartamento grande na zona sul de Aracaju! Não, melhor, talvez trocasse o seu escritório por um mais espaçoso, num prédio comercial... Ou ainda melhor, talvez uma lancha para deixar a sua alma mais leve nos fins de semana...

Talvez fosse melhor diversificar, quem sabe algumas cabeças de gado e dividiria a criação com algum conhecido seu que já tivesse pasto e entendesse de animais...

“Não, não era hora de falhar.” Pensou consigo mesmo...

Machado ouviu um “amém”, e sem perceber, repetiu a palavra num automatismo estranho para ele próprio. Machado estava perdido em si mesmo...

3 - Pior que um tribunal

– Estamos prontos para ouvi-lo, meu filho, todavia, peço que nos explique com calma, com muita calma, o que o traz aqui, por favor... A sua missiva de apresentação estava bem escrita, entretanto não nos pareceu assaz elucidativa e não logramos decifrar os seus objetivos nesta visita!

Machado abriu os olhos. O monge falava muito devagar para a sua paciência e para a ânsia dos seus pesadelos!

– Boa tarde, senhores.

Machado esperou por uma resposta que não veio!

Machado dirigiu o seu olhar para o monge do meio e se preparou para iniciar o seu discurso, mas ainda não se sentia à vontade, ele ainda não tinha encontrado a conexão necessária para falar com aqueles senhores...

Faltava alguma coisa, alguma ligação... Machado não sabia como se introduzir numa conversa com três monges encapuzados, de diálogo manso e torturadamente pausado. Talvez fosse mais fácil imaginar que ele estivesse debatendo com um juiz...

Não, melhor não!

– Perdoem-me, foi uma longa viagem até aqui, uma longa e cansativa viagem e já estou há três dias nesta cidade apenas por conta desta audiência... E solicitaria ao senhor Abade que...

O monge da esquerda o interrompeu num gesto com a mão.

– O senhor fala comigo, senhor advogado! Apenas, e tão somente, comigo! No momento adequado, na hora justa e perfeita, transmitirei a sua súplica ao Abade. E se isso satisfaz sua curiosidade, nenhum de nós aqui é o Abade.

– Por favor, me perdoem!

Os três olhavam fixamente para Machado. Não faziam nada além do que olhar fixamente para Machado.

– Tinha deixado minhas credenciais e a minha petição na Secretaria... Precisava realmente de uma audiência com o próprio Abade...

Machado procurava uma muleta onde pudesse se agarrar... Mas os monges nem piscavam...

– Procurei ser o mais objetivo possível na minha petição inicial, todavia não conheço a forma como os senhores tramitam as suas decisões, mas precisava, na verdade eu preciso urgentemente tratar com o próprio Abade, pois imagino que seja ele quem delibera sobre os fatos por aqui, ou eu estaria equivocado?

– Já falei, meu bom e jovem causídico, tem-me assim como um porta-voz, um intermediário: fala comigo, falarei com o Abade.

O monge se remexeu um pouco na sua própria cadeira...

– Entenda, senhor advogado, vivemos em clausura, não temos o costume de dialogar com os “não-noviciados” sobre assuntos que não se enquadrem entre os da alma ou que transladem o contexto da palavra do Senhor. No caso aqui, ainda não reconhecemos possível motivação para que tal diálogo com o Abade seja promovido como requerido.

O monge fez uma pausa que foi infernal para Machado.

– Todavia, acredite: ineditamente foi autorizada essa oportunidade para sua pessoa! Mas é preciso que compreenda que aquilo que possivelmente seja rotineiro para o seu mister, para nós é uma exceção, tão somente uma exceção, nada mais que uma exceção! Honestamente falando, não gostamos de exceções.

O monge se acomodou ainda mais na beirada do seu assento.

– Então, que seja assim: o senhor fala comigo, falarei com o Abade, é assim que irá funcionar. Devo adiantar, no entanto, que a sua súplica não será celebrada agora, há que aguardar o momento oportuno até que o Abade contemple a sua angústia.

Parecia que o monge queria ter a certeza de que Machado tinha ouvido cada palavra...

– Portanto, meu jovem, é preciso que guarde o coração da ansiedade que o assiste, e nos explique, com paciência e cortesia, em que consiste a necessidade da intercessão do amado Abade em suas expectativas!

Machado viu que toda cautela seria pouca. Não pensou que seria tão difícil.

– Como havia dito, tinha deixado minhas credenciais...

O monge ergueu a mão novamente, interrompendo Machado.

– Sabemos disso senhor! Verificamos inclusive que a sua inscrição na Ordem que representa a douda classe dos advogados não está vinculada a este Estado... Acreditamos que o senhor está fora de sua jurisdição e, por isso, pensamos nós, não há muito que o que ser requerido por sua senhoria aqui, que ao menos possa ser do nosso interesse!

Machado sentiu que havia menosprezado os monges... Imaginara-os mais inocentes...

– No entanto, meu caro, dado o seu empenho em se abalar em tão longa estância, cremos que a solicitação se envolve em grande perturbação, e não calaria a nossa alma em paz se o abandonássemos sem a esperança de uma de audição, portanto, e sem compreender o que clama na verdade, jovem causídico!

Machado resolveu arriscar mais uma vez...

– Seria mais interessante, para mim, que conseguisse me avistar com o próprio Abade! Sei que para que consigamos entrevistar um monge deste Monastério há a necessidade da

autorização da Vossa Paternidade Reverendíssima para que um monge possa vencer os votos de sua clausura.

– Vejo que o senhor conhece nossos preceitos! Isso muito nos agrada!

Pela primeira vez Machado respirou, aliviado!

– Na verdade, preciso me ater com urgência, à pessoa do Frei Alex...

Machado resolveu usar a pausa a seu favor... E com muito esforço passou a falar no mesmo ritmo dos monges...

– É um assunto da mais extrema gravidade e da maior urgência! Precisamos da ajuda do Frei Alex, mas essa intervenção só pode ser feita por ele, pessoalmente! Do Abade necessito somente a autorização para ser ouvido pelo Frei Alex...

– Disso já temos ciência, Doutor! Por sinal, o senhor já havia descrito essa situação em sua petição de audiência...

O monge parecia que tinha congelado sua expressão no ar!

– O que não sabemos ainda, porque sua senhoria não foi específico em sua pauta de solicitação, é a razão dessa entrevista com Frei Alex... É exatamente sobre a razão que circunstancia esta entrevista que estamos nos referindo...

– Pois, tenho muita expectativa de me avistar com Frei Alex, na verdade tenho muita necessidade de me entrevistar com Frei Alex, aliás essa é a verdadeira razão de minha vinda aqui. Seria possível o Abade me conceder essa possibilidade? Seria possível me ater com o próprio Frei Alex?

– Esta parte já entendemos meu jovem... O que nos parece é que o senhor não houve ainda por nos compreender... Todavia, antes que o anunciemos ao Abade, é necessário que tenhamos ciência do que o senhor quer junto ao Frei Alex!

A calma interminável e a peculiaridade do monge para falar inquietava Machado. Ele se sentia propositadamente excluído daquele processo...

– O nome do senhor é?

– Basta que me chame por aquilo que realmente sou: Monge!

Machado percebeu que não teria o nome do seu interlocutor, não teria nenhuma abertura oficiosa, eram três monges e só.

Por um momento, Machado cogitou que um deles poderia ser Frei Alex, e quis entender assim o motivo da insistência das perguntas... Talvez fosse melhor acreditar nisso, e se assim fosse, então era hora de trocar de estratégia...

4 - O defensor do direito

– Senhor Monge, penso que tal informação, a razão de tudo aquilo que me traz aqui, seria de natureza muito particular, e cara, ao nosso Frei Alex...

Machado respirou profundamente, queria estudar cada sinal dos monges diante de suas palavras... Machado queria estudar cada palavra que deveria ser dita depois...

– Penso que, talvez, não sei como dizer melhor, se seria conveniente trazer tais fatos em semelhante reunião, sem a devida anuência do principal interessado, que no caso é o Frei Alex...

Machado deu uma ajeitada sobre o seu assento, aproximando-se um pouco mais da mesa.

– Além do mais, como advogado, não seria ético dar publicidade a outrem sobre aquilo que penso seja peculiar apenas e tão somente ao interesse do Frei Alex...

Machado fechou os olhos num gesto de certeza jurídica.

– Por isso, e é exatamente essa a razão, preciso ter a certeza de estar realmente diante do Frei Alex! Ou isso ou então estaria na iminência de cometer uma transgressão, e creio imensamente que os senhores não hão de querer participar de uma transgressão...

– O senhor, por acaso, é detentor de representação emitida pelo Frei Alex em seu favor?

– Mas é um assunto diretamente do interesse dele!

– Indaguei se o senhor por acaso teria procuração subscrita pelo Frei Alex a seu favor?

– Não, não tenho...

– Há alguma invocação judicial impetrada contra a pessoa do Frei Alex, que porventura venha a ensejar alguma razão específica dentro da qual se construa a necessidade premente dele interpelar um representante do direito, ainda que seja em seu favor?

– Não, contra a pessoa do Frei Alex não há!

– Então, nesta circunstância, temos de forma notória e cristalina, que não se trata da prerrogativa na particularidade da relação advogado e cliente. O senhor não se encontra em sua jurisdição, mas nos encontramos nos domínios do Abade, se é que me entende...

Machado assentiu positivamente com a cabeça.

– Neste caso, se não se sente capaz de declinar o real assunto junto ao Frei Alex, não nos será plausível que incomodemos nosso Abade com sua pauta, ainda que insistentemente clame pela importância que o caso ao seu olhar mereça ter.

O monge tinha um olhar direto, parecia uma lança no olhar de Machado...

– Senhor nobre advogado, se não nos der conta da gravidade que atesta, esta entrevista carece de fundamento, sua solicitação não merece prosperar, mesmo que levemos tal consideração ao nosso Abade.

– Não me queira mal, senhor Monge, mas temo, como defensor do direito, que tratar com terceiros um assunto de grave impacto, pode não ser prudente de minha parte... Suplico veementemente que o senhor procure me compreender...

– Permita-me então, ainda, uma última ponderação, doutor Machado: aqui dentro destas paredes não somos terceiros, aqui somos todos irmãos, e tudo o que se passa ao abrigo desse teto é da responsabilidade fraternal do nosso Abade!

O monge cravava o seu olhar no de Machado.

– Pois se é do seu desejo que Frei Alex vença a clausura em seu favor, necessário se faz que esta comissão aprecie as premissas da sua solicitação, de outra forma não haverá motivo para incomodarmos nosso Abade.

– Entendo, senhor Monge, entendo.

Machado resolveu arriscar. Serviu-se de um copo d'água. A impassibilidade do monge era cruel.

– O senhor deve saber que Frei Alex tinha um irmão consanguíneo...

– Assim disse o Mestre: “Quem são os meus irmãos? Quem é minha mãe?”

Machado não sabia a quem o monge se referia... Achou prudente não perguntar...

– Doutor Machado, o fato de um monge escolher viver na clausura, significa que sua vida passou a ser dedicada inteira e exclusivamente à contemplação dos mistérios do Senhor. Ao se tornar um monge, sua família passa a ser o rebanho de Deus...

– Perfeitamente, senhor Monge! Perfeitamente...

– O que ocorre na família terrena entregamos à proteção divina do Sagrado Coração de Cristo. Só à Sabedoria Divina cabe o destino de todos nós...

– Compreendo senhor Monge, compreendo, mas peço que o senhor compreenda também que a situação é gravíssima... Se não fosse, não teria me abalado de tão longe...

– Pois se assim o entende, relate o fato em uma missiva. Se for tão somente uma notícia familiar, vos peço que a escrevais em algum formulário, e a conduziremos ao Abade e, se permitido, no momento que for conveniente à paz do nosso referido monge, transmitiremos a ele...

– Perdão Monge, mas a coisa é muito mais complicada. Nesta situação, em particular, somente a intervenção de Frei

Alex poderá saná-la, infelizmente não há outra solução. Peço então aos senhores que me ouçam com atenção.

– Sim senhor causídico, se ainda não percebeu, estamos aqui justamente para isso...

Antes que Machado esboçasse qualquer reação, o Monge prosseguiu, mas agora de forma mais irritadiça...

– Mas eis que já nos sentimos agastados com esse diálogo de muito pouco avanço, sem nenhum rendimento, e então será sua última oportunidade! Porém, deve saber que essas coisas do mundo não nos causam preocupação da mesma forma que causam às pessoas não noviciadas... Não gostamos nenhum pouco de nos incomodar com tais, digamos, distrações amenas!

O monge se aprumou novamente na cadeira...

– Saiba senhor Advogado, amamos os nossos parentes, todavia aprendemos a amar muito mais a Cristo e, confiantes na soberana justiça do poder do Senhor, sabemos de antemão que tudo tem o propósito aos olhos Dele, inclusive os contratempos que envolvem aqueles que amamos.

– Até mesmo quando se trata de um caso de morte?

– Doutor Machado, a morte é a única certeza da vida, e a única oportunidade real de se avistar à face de Deus, e como tal, não deve provocar temor aos que se assistem na comunhão com Cristo!

– Então irei direto ao ponto: Frei Alex tinha um irmão mais velho e o mesmo veio a falecer, infelizmente, de uma forma inesperada.

– Que o Senhor, em sua infinita misericórdia, o receba entre os justos se essa for a sua Soberana Vontade, e que todos os pecados lhe sejam perdoados em nome do Cristo que sacrificou sua vida em nome dos Filhos de Deus.

– Que assim seja, Monge, que assim seja...

– É só isso filho?

Machado resolveu partir para o tudo ou nada!

– Pois bem: acontece que há uma terceira pessoa envolvida nessa história, e essa pessoa tem, sob o seu poder, uma grande fortuna em terras, fábricas, escritórios, lojas, enfim um patrimônio considerável, de dimensões inimagináveis...

– E Frei Alex, que tem a ver com tudo isso?

– Pelo que consta, essa pessoa foi criada pelo...

Machado percebeu que estava prestes a cometer um pecado mortal!

– Perdoem-me! Como devo dizer? Pelo que consta, essa outra pessoa ficou sob a responsabilidade do Frei Alex por algum tempo, e a expectativa que temos hoje é a de que só ele teria o conhecimento da localização desse rapaz... Só o Frei Alex teria a real possibilidade de identificar a localização dessa pessoa e acioná-la...

Os monges permaneciam impassíveis... Mas alguma coisa os perturbara... Machado percebeu que alguma chave abriu algum cadeado naqueles corações...

– Essa pessoa precisa ser localizada com urgência, o quanto antes, ou o patrimônio será totalmente dilapidado à sua revelia. Então precisamos que Frei Alex nos auxilie para que possamos impedir que tal fato aconteça...

Machado percebeu que os três se entreolharam... Foi o primeiro sinal claro de perturbação que eles se permitiram... Alguma coisa os deixara preocupados nesta notícia...

5 - O herdeiro

– Há algo muito peculiar nesta história doutor... No que nos disse agora, o interessado de fato não é Frei Alex e sim uma terceira pessoa. Mas antes esclarece-nos, quando será o enterro?

– Enterro?

– Acabastes de nos noticiar, a pouco, do passamento do irmão do Frei Alex...

– O falecimento se deu há pouco mais de oito meses...

– Há oito meses?

– Sim...

– Neste caso há de concordar conosco, não há mais o que ser feito. Frei Alex será informado do falecimento assim que o Abade autorizar... Sabemos que sofrerá um pouco, mas o Senhor haverá de confortá-lo. Não há porque afastarmos Frei Alex da clausura neste instante, apenas para passar-lhe informação sobre o aquilo que já se acha por si próprio consumado. Doutor Machado, acaso tem um documento atestando o óbito? Tendo-o, será suficiente para Frei Alex seja alertado quanto ao referido passamento...

– Mas Monge, o que preciso saber do Frei é a localização exata do rapaz, isso é assaz importantíssimo...

– Sendo Frei Alex um monge em clausura, o que faz vossa senhoria pensar que Frei Alex teria conhecimento da localização deste rapaz? Repito: Frei Alex vive em clausura!

– Nada me faz pensar senhor Monge, nada me faz pensar, mas juntando as peças de um imenso quebra cabeças, tudo leva a crer que sim... É só uma grande esperança... É só uma mera expectativa...

Machado resolveu apelar:

– Se Frei Alex nada souber dessa suposta pessoa, então, sinto muito... Será uma pena ver toda essa fortuna dissipada, diluída ao vento... Milhares de empregos serão perdidos... Vários empreendimentos irão fechar as portas por falta de um responsável... Várias fábricas irão à falência...

Machado fixou o seu olhar nos olhos do monge e tirou uma carta da manga:

– E por mais que não quisesse, não posso deixar de considerar que... Bem, não gostaria aqui de levantar senões, porém, acho então que deveria dizer que, aí sim, seria o caso do Reverendíssimo Padre, o Abade, se preocupar... Imensamente...

– Discordo, senhor! Não há com que o nosso Abade devesse se preocupar, não são assuntos do Monastério, são assuntos para os advogados, administradores, financistas e economistas resolverem, não são assuntos para os monges!

– Monge, sei que o falecido irmão do Frei Alex era um grande doador para as obras de caridade deste Monastério. Sei também que ele fazia um substancial aporte em doação financeira à manutenção desta Casa...

Machado se aproximou ainda mais da mesa.

– Pois bem, se realmente houver, pelo menos, uma amizade entre Frei Alex e esse rapaz, como pensamos que há, e se o localizássemos, talvez houvesse uma grande possibilidade de que essa oferta continuasse a ser mantida... Mas caso contrário, se não o localizarmos, temo que não só toda a cadeia de empresas se desfaça, como também que essa generosa contribuição não seja mais possível de ser mantida...

– Doutor, acaso o senhor está tergiversando? Está a fazer ameaça em cima de uma possível doação? Acaso acha que uma possível colaboração seria o suficiente para abalar a tranquilidade de nosso Abade?

Agora o monge estava realmente transtornado, embora dentro de sua passividade quase que robótica...

– Pensa que o Monastério estaria subserviente aos caprichos de um possível fausto doador? Acha mesmo que o nosso Abade conduziria o raciocínio e decisões que lhe são próprias por causa de algum potencial donativo?

Pausa infernal...

– Não se iluda meu caro causídico! Não se iluda nem menospreze a nossa causa...

Outra pausa infernal...

– Saiba doutor Machado, tudo tem sua origem na bondade divina, e se hoje nos falta cá um pouco, o donativo que alguns creem ser uma fortuna, mais a frente abre o Senhor Deus outra fonte, e nossas possíveis necessidades permanecerão sendo atendidas... E se uma fonte se seca, por fim, é porque assim se faz fato determinado pelo Supremo Criador, e com certeza nos cobriria uma possibilidade que não nos era necessária! Assim, a nós, cabe sabermos compreender e superar... Não receie por nós...

– Não Monge, não acho! Claro que não! Por favor, não falei por mal, entenda é uma questão natural: esse rapaz é herdeiro de um vasto império, e caso ele não apareça, o Estado ou qualquer outro aventureiro tomará o seus bens... Isso é fato e só com a apresentação desse senhor é que essa tal possibilidade, que é muito grande, poderá ser revertida. Feita essa reversão é possível que o rapaz ora procurado permaneça com a contribuição. É isso. Foi isso a que me referi... Sem a presença do rapaz assumindo as empresas, não há o que possamos fazer... Todo esse patrimônio que lhe é devido será diluído...

– Doutor Machado, lamentamos vossa perda de tempo. Vivemos da caridade sim, mas também vivemos do cultivo da cana. Perder o apoio de um colaborador sempre nos é relevante

e significativo, mas vivemos com pouco, e o pouco com Deus é muito! De nossa parte saiba que o Frei será informado, mas dentro da disciplina que rege a nossa clausura.

– Desculpe Monge, mas não estamos mais na Idade Média. Hoje as coisas estão um pouco diferentes... Hoje as informações são acessíveis nos computadores.

– Que está a querer dizer?

– Sei que o seu monastério não recebe tantos apoios e a produção de cana está em baixa. Esta cidade já teve o seu auge e o próprio monastério já foi um dos principais produtores de cana, hoje não é mais. Basta dizer que aqui já tivemos a prosperidade de trinta e seis usinas a pleno vapor moendo cana sem parar, dia e noite, noite e dia e hoje, hoje, Monge, hoje não passam de três...

Machado voltou a se recostar na cadeira.

– A própria usina Baixa Grande, sua grande cliente do passado está falida, tudo o que restou são ruínas... Com todo respeito, Monge, sua produção de cana já não é tão farta e, mesmo assim, é um dinheiro que não cobre todas as despesas deste casarão por um ano inteiro. Digo mais: se não fosse a significativa oferta que os senhores vinham recebendo do falecido irmão do Frei Alex, os senhores não teriam nem como saldar os salários de seus funcionários...

– Acaso andou nos investigando senhor advogado?

– Senhores: hoje o mundo é outro, tudo está a alcance dos computadores! Nos registros do patrimônio do falecido há o cômputo desta oferta, quando a comparamos com os registros contábeis deste Monastério como produtor de cana, chegamos à conclusão inevitável de que o falecido mandava era uma soma maior que toda a sua produção de cana conseguia captar. Praticamente ele sustentava esse Monastério...

O monge do meio levantou-se de modo áspero.

— Interessante sua pesquisa! O Senhor insinua saber descobrir sobre as nossas avenças mas não consegue descobrir o paradeiro de alguém que vos interessa e por isso ousa nos incomodar. Basta senhor advogado! Vossa audiência está concluída.

Os dois imediatamente se ergueram e ao olhar do monge do meio, o da direita afastou-se na direção da porta e a abriu. Da forma como entraram, silenciosa e vagarosamente os três saíram e a porta se fechou...

Machado suave. Desta vez tirou a gravata e a colocou na sua pasta. Resolveu servir-se da água que ali estava. Água morna. Era o que tinha.

6 - A hora da verdade

Machado não soube quanto tempo se passou... O tempo ali entre paredes infinitamente brancas e tão silenciosas parecia não passar, apesar de toda a história que devem ter para contar...

O cheiro da vela queimando e a pouca luz do lugar sufocavam ainda mais. As imagens dos Santos naquela súplica constante a olhar impavidamente para Machado pareciam que lhe cobravam algum milagre...

Machado queria ir embora, tinha a impressão que fizera uma viagem em vão, já estava ali naquela cidade, perdida no tempo, havia vários dias e nada saíra do lugar, todavia nutria alguma esperança sobre aquele caso que teimava em escapar-lhe das mãos. E este não era apenas mais um caso: para Machado esse era o caso: talvez uma casa grande, talvez um novo escritório!

Ele não sabia se pegava sua pasta e se aventurava por aqueles corredores brancos e de infinitas portas, ou se esperava que alguém considerasse sua existência, e voltasse a resgatá-lo... Machado tentou se servir de outro copo de água morna, mas agora o pote jazia vazio.

Machado olhou para os seus sonhos... Um casarão novo... Um escritório maior... Uma lancha ou quem sabe quarenta ou cinquenta cabeças de gado... Machado não sabia mais o que pensar... Resolveu que voltaria no outro dia... Pegou a sua pasta e se levantou, foi quando a porta se abriu...

– Senhor Advogado, doutor Machado, pedimos escusas pela espera!

– Perdoe-me Monge, mas a sede já era grande, eu estava a sair a pedir um gole de água...

Machado disfarçou. Ele não estava mentindo, embora não estivesse sendo honesto...

– Providenciaremos.

O Monge, sem sair da porta, olhou para o outro lado e solicitou que trouxessem água para o visitante. Machado nada mais ouviu. O monge entrou, mas não fechou a porta. Desta vez se sentou em um dos bancos compridos de madeira e sinalizou para que Machado se sentasse no outro banco...

– Senhor advogado, tenho a dizer que nosso Abade neste instante medita sobre sua súplica.

Um nó atravessou a garganta de Machado... Pelo menos eles já falaram com o Abade...

– No entanto, devo admitir que não fazemos a menor ideia sobre quais fundamentos conduziram o senhor no pensamento que Frei Alex poderia estar abrigado sob o amparo desse claustro tricentenário, mas temos ciência que a sua caminhada não foi pequena... O senhor riscou boa parte do mapa do nosso imenso país, e tal fato não pode ser de forma alguma desprezado...

O monge se curvou na direção de Machado, parecia que ia segredar.

– Nosso Abade deseja mais respostas, afinal de contas se trata de um de nossos irmãos e o Abade reconhece que a hora extrema, embora seja a única certeza da vida, é ainda uma hora cara aos que são ensinados a amar ao próximo... Mas o nosso Abade requer, perante a vossa pessoa, que mais dúvidas sejam dirimidas...

– Não há problema Monge, estou disposto a responder tudo o que for necessário. Estou pronto para responder sobre todas as dúvidas que houver.

– Bom saber que deseja cooperar... Mas seria esse desejo fruto do seu coração e sem limites?

– Perdão Monge, não entendi...

– Essa cooperação que pretende nos oferecer é fruto da mais pura solidariedade, sem nenhuma expectativa de concordância prévia? Estaria mesmo disposto a render a todas as nossas indagações antes que nosso Abade se ponha a considerar sobre a sua solicitação? Estaria pronto para ser o mais claro, o possível, para elucidar os enigmas que permeiam a sua súplica?

– Mas é claro Monge, estou aqui para isso. No que puder ser útil e esclarecedor, disponha. Meu receio é que Frei Alex possa se aborrecer e se opor às minhas respostas, afinal, uma vez que não tenho autorização dele para dispor sobre aquilo que, a priori, tão somente a ele poderia interessar...

Agora foi Machado quem se aproximou do monge...

– Mas se é para dar suporte à decisão do senhor Abade, cá estou, nada tenho a ocultar. Mas preciso pedir, Monge, que os meus esclarecimentos mereçam a condição de uma confissão, e que tudo aquilo que eu disser não ultrapasse as fronteiras dessas paredes que nos abrigam.

– Assim será, doutor Machado, assim será. Tem a minha palavra.

Ambos permaneceram em silêncio. O monge não parava de olhar para Machado, que incomodado, abriu sua pasta e fingiu procurar alguma coisa, mas o que ele procurava era retomar os sonhos dos quais temia mais que tudo desistir.

O monge da água entrou silenciosamente, deixou um jarro e levou o outro. Ao sair postou-se a porta, fechando-a depois que os outros dois monges retornaram. À entrada deles, Machado levantou-se de repente e, nervoso, derrubou sua pasta, espalhando desastradamente os papeis. Quando se recompôs, reparou que os três monges já tinham se sentado, eles dessa vez colocaram as cadeiras em meia lua, o que obrigava a Machado a permanecer no banco...

– Senhor Machado, veja bem, não somos homens comuns ao mundo, mas não nos tome como tolos ou alienados. Apenas não nos envolvemos emocionalmente nem permitimos que indignações mundanas transtornem nossos ânimos em nada que seja diferente do exercício meditativo da oração e contemplativo das obras do Senhor... *Tudo tem o seu tempo determinado e há tempo para todo propósito debaixo do céu.*

O monge respirou fundo...

– Sua senhoria, em boa intenção, cremos, atravessou três Estados para trazer pessoalmente notícias ao Frei Alex, o que por sinal poderia ter sido feito por carta. Todavia, o caso nem se faz mais em urgência, considerando-se que o falecido encontra-se há muito enterrado. Mas o fato de um advogado se abalar em tão vasta distância congestiona nosso pensar e não nos permite crer que tão grande favor se permeia apenas pela graça do interesse da família enlutada... Se assim o fosse, teriam feito com maior tempestividade.

A velha pausa que torturava Machado.

– E depois, doutor Machado, estes bens materiais não afetariam o modo de vida do nosso Irmão Alex, o que nos faz pensar que o douto advogado não arriscar-se-ia por tão pouco.

Machado assentiu com a cabeça...

– Gostaríamos, pois, fosseis sincero, e a constar daquilo que for puro e verdadeiro em vosso coração, e se for um homem temente ao Nosso Senhor, propomos que esqueça o profissional que por certo move, nestes instantes, os objetivos de sua consciência, e apelamos: deite aqui, em francas palavras, o que impulsiona tão estranha empresa, principalmente a considerar que é lícito ao Abade deliberar em conveniência com o próprio convencimento, sobre o que a ele solicita...

– E entendo a preocupação dos senhores. Entendo... Em nome da minha honra cumprirei minha palavra: explicarei tudo

o que se passa da maneira mais fácil, mas falarei apenas daquilo que tenho conhecimento. Há muita fumaça nesse nevoeiro que encobre o horizonte que supomos compor essa história, mas somente poderei me ater a aquilo que até agora me coube decifrar...

Machado se ajeitou no banco.

– Pois então, dentro destas condições honestas, posso me expor de forma límpida e cristalina como a água que se reflete nesse copo, e responderei tudo aquilo que a mim for perguntado.
– Pois então, por favor!

7 - O advogado e os advogados

– O irmão do Frei Alex, o senhor Sebastião Marcos, o falecido, era considerado como O Príncipe dos negócios. Ele era visto como proprietário de muitas fazendas no Sergipe, na Bahia, aqui no Estado do Rio, lá em Minas Gerais e em São Paulo... Muitas cabeças de gado, muitos apartamentos, usinas de cana de açúcar, duas ou três fábricas de sapatos, seis olarias, uma rede nacional de fornecedoras de material de construção, uma rede nacional de venda de móveis, franquias de hotel pelo menos em uma dezena de capitais, três construtoras...

Machado coçou a testa...

– Isso foi só o que consegui levantar... Suspeito que haja mais, muito mais... O senhor Sebastião Marcos era realmente um homem empreendedor, um homem que tinha mão para os negócios... Mas apesar de tudo, se na parte dos negócios era um homem bem sucedido, no contexto familiar as coisas fluíam de forma contrária, seus principais problemas encontravam-se no seio da própria família...

Machado fez uma pausa... Os Monges permaneciam impassíveis...

– O senhor Sebastião tinha mulher e três filhos, e estes três filhos eram a principal fonte de dor de cabeça da vida pessoal do seu Sebastião Marcos... O filho mais velho não era dado aos estudos, só fez até a quinta série, nunca quis tomar pé dos negócios do pai, sempre teve a vida que quis, o carro que quis, as mulheres que quis... Suas despesas acobertadas pela mãe, muito generosa e permissiva com o filho, não lhe fez conhecer limites...

Machado gesticulava com as mãos como se estivessem separando no ar as coisas sobre as quais queria falar...

– A filha, por sua vez, tem quatro filhos, um de cada pai e todos criados pela avó... São crianças bem cuidadas, protegidas, mas não parecem saber o que é uma família...

Machado enxugou a testa com o dorso da mão...

– E o filho mais novo abandonou a faculdade, se envolveu com drogas, quando não está internado em tratamento está se envolvendo com traficantes, com gente da pesada... Sobre a esposa nada sei... Mas o que ocorre é que não há sucessor familiar em condições de assumir os negócios do pai...

– Então o nobre advogado é íntimo da família?

– Perdão, senhor Monge, não entendi...

– Todos esses detalhes sobre os descendentes, decerto, nos dá a entender que o senhor causídico transita na confiança da família...

– Não, não... Nunca os vi, nunca cheguei perto... Esses fatos são públicos, todos colhidos nas mídias... Buscas que fiz nas redes sociais...

– Prossiga, então...

Novamente Machado se inclinou a frente, e sacudiu o dedo indicador como se quisesse enfatizar o que ia anunciar.

– E de repente, aos sessenta anos incompletos seu Sebastião Marcos sofreu um enfarte, coisa repentina, foi levado para o hospital, mas não teve jeito.

Machado percebeu que de certa forma tinha o controle daquela situação... Machado agora se sentia mais calmo...

– Não demorou muito, logo depois do funeral, apareceram uns dez advogados e todos demonstrando interesse em assistir a família na posse dos bens deixados pelo falecido, e foi aí que surgiu a grande surpresa:

Machado fez um suspense, com as mãos paradas no ar...

– Os advogados já sabiam que o seu Sebastião Marcos tinha várias empresas, várias propriedades, várias posses, mas

descobriu-se que nada, absolutamente nada estava em nome dele, a exceção do apartamento de luxo que a família ocupa em Salvador, e uns três carros, o resto, tudo está em nome de outra pessoa!

Machado levantou-se e se serviu de um copo d'água. Os monges permaneciam em silêncio. Não tomou mais que três goles.

– Todos ficaram perplexos! Cada vez que se recorria a um cartório, ou a um escritório dos negócios que supostamente seriam da família, mais coisas apareciam. Mas tudo o que ia aparecendo, tudo estava em nome de outra pessoa, e nada, absolutamente nada estava em nome de seu Sebastião Marcos, ou seja, de tudo aquilo que antes parecia ser um império...

Machado colocou o copo sobre um pires.

– Tudo aquilo que parecia um império tinha um dono desconhecido de todos... Então cada herdeiro se agarrou a um escritório de advogados para levantar a identidade dessa pessoa, entretanto, eles não tinham nada que pudesse conduzi-los até essa pessoa, até que um dos advogados que trabalhava para a filha descobriu uma procuração que dava plenos poderes para o seu Sebastião Marcos gerir os negócios...

Machado se aproximou novamente dos monges.

– Neste documento havia um endereço e um nome, endereço esse que ficava no interior do Sergipe e foi, por isso, que esse escritório, o que representa a filha do seu Sebastião Marcos, me contratou e me encarregou especificamente de localizar o senhor Victor Hugo, o real proprietário de tudo.

– Perdão, doutor Machado, mas um escritório contratando um advogado para fazer a mesma coisa?

– Sim, o meu domicílio advocatício é em Sergipe, lá é minha área de atuação!

– Prossiga!

– Esse advogado me concedeu parte dos seus poderes de representação para que eu levantasse o paradeiro do senhor Victor Hugo, fazer assim um primeiro contato, e isso porque o endereço dessa procuração constava um domicílio no interior do Estado de Sergipe.

– Perdão por interromper-vos novamente doutor Machado, mas se todos os bens encontram-se sob a propriedade desse senhor Victor Hugo, nada há que a família possa fazer, estou errado?

– Não senhor Monge, o senhor não está errado. Realmente juridicamente o senhor Sebastião Marcos seria só um representante, o verdadeiro proprietário é o senhor Victor Hugo!

– Pois então...

– O problema é que ninguém nunca viu esse Victor Hugo em lugar algum, e tudo que a família pensava que era dela ou do senhor Marcos estava em nome de Victor Hugo...

– Então, pelo que podemos presumir neste caso, nada haveria a ser feito...

– Esse é o grande nó górdio de toda essa questão... O que se presumia, era que o senhor Victor Hugo apareceria, ou que nomearia outro representante para tocar as empresas. Esperava-se, assim, que tudo se esclarecesse, mas em todo esse tempo nada disso aconteceu...

Machado se aproximou ainda mais dos monges e falou mais pausadamente...

– Daí a urgência! Duas coisas podem ocorrer: ou a família consegue que a justiça nomeie um interventor e lhe transmita a propriedade sobre os empreendimentos, o que me pareceria muito complicado, ou os credores pedem a decretação de falência das empresas...

Machado retornou ao seu lugar.

– Todos os empreendimentos estão em litígio judicial mas apesar da briga judicial, ninguém sabe para onde correr... Por isso que precisamos localizar, para ontem de manhã, esse Victor Hugo, antes que todo aquele império se desmorone.

8 - O mistério e o monastério

– Mas tem uma coisa que ainda não entendemos: como foi que o senhor veio parar aqui em nosso Monastério?

– Bem, essa parte é por minha conta! Fui ao endereço que estava registrado na referida procuração, era uma casa muito antiga, e encontrei-a desabitada! Estranhei que ela estivesse vazia, mas muito bem cuidada e bem conservada e este fato me intrigou...

Machado percebeu o interesse dos monges na resposta...

– Apesar do lugar não se encontrar ocupado, estava sendo mantido e com muito zelo... E perguntando daqui, perguntando dali, como o povoado era pequeno, consegui descobrir uma pessoa encarregada de manter a casa.

Machado se inclinou novamente para os monges.

– Senhores, honestamente devo adverti-los que essa é a parte mais dolorosa e terrível dessa história...

– Estamos ouvindo doutor...

Machado tomou mais um copo d'água.

– O endereço que estava na procuração, na verdade, se tratava do endereço de uma tragédia...

– Tragédia?

– Ali foi cometido um assassinato terrível em que vitimou um fazendeiro do interior de Sergipe, e sua filha, de forma muito cruel e macabra... Isso teria acontecido há pelo menos uns quarenta anos.

Os monges não piscavam... Machado estava alcançando o seu momento...

– Pelo que descobri, era a história de um pai que era contra o convívio da sua filha com um rapaz... Parece que o pai

foi à casa para matar o rapaz, mas acabou sendo morto, e na confusão a menina também foi morta!

Os monges continuavam impassíveis, atentos à narrativa...

– Como disse, a casa da tragédia está também no nome do Victor Hugo, e era o mesmo endereço registrado por ele na procuração...

Machado retirou de sua mala uma cópia da referida procuração e a mostrou ao monge. Mostrou também a cópia de recortes de jornais retratando a tragédia. Um trecho que continha o endereço do rapaz estava demarcado com caneta marca texto...

– Isto me atíçou a curiosidade... Fui então conhecer a fundo aquela história terrível... Tudo o que descobri era que o principal suspeito seria o rapaz que convivia com a moça, mas desse nunca mais se soube o paradeiro...

– Que o senhor se apiede dessas almas...

Os monges fizeram o sinal da cruz...

– Mas o senhor ainda não explicou como chegou aqui...

– Como disse, a casa estava em nome do senhor Victor e estava bem cuidada, e havia uma senhora que cuidava daquela casa... Eu a procurei e com muito jeito, conduzindo bem a conversa, indaguei dela sobre o Victor Hugo. Ela me disse que nunca viu esse senhor em sua vida...

Machado sorveu outros dois goles de água...

– E com jeito lhe falei que de alguma forma ela poderia estar intrincada num grande mistério de difícil explicação, pois como ela poderia estar trabalhando para uma pessoa que ela não conhecia, então poderia ser arrolada como cúmplice...

Machado deu um sorriso agora... Era como se ele dissesse, ela caiu na minha lábia...

– Ela me mostrou a sua carteira de trabalho assinada... Pasmem senhores: pasmem! O patrão dela era o senhor Sebastião Marcos, ou melhor, ela era funcionária de uma das usinas controladas por seu Sebastião, cujo dono era ninguém mais, ninguém menos, do que o próprio Victor Hugo...

– Sim, doutor Machado, mas a pergunta era: como a sua senhoria chegou até ao nosso Monastério?

– Está certo! Fiz esse relato, isso que contei aos senhores, narrei ao escritório que havia me contratado. Falei com eles sobre a usina, sobre a senhora que tinha a carteira de trabalho assinada pela administração da usina e a impressão que tive é que eles não sabiam desse empreendimento.

Machado se sentou novamente.

– Eles fizeram uma pesquisa mais minuciosa e conseguiram uma cópia da folha de pagamento dessa usina. Como foi que eles conseguiram, isso não sei, mas conseguiram, e o advogado de São Paulo me passou a cópia desses documentos...

Machado se ajeitou de novo no banco.

– Fiz uma planilha por minha conta, e nesse detalhamento, descobri o nome do senhor Alex Sandro Cândido Mariarque, o mesmo sobrenome do Sebastião Marcos Cândido Mariarque, então liguei uma coisa com a outra.

E em meios a trejeitos, Machado concluiu:

– Cheguei assim à conclusão que o Senhor Alex era da família do senhor Sebastião Marcos e por sinal, como vim a confirmar, era o irmão mais novo do senhor Marcos...

Machado deu fez uma pausa para verificar que os Monges estavam acompanhando o seu raciocínio.

– A folha de pagamento tinha os dados bancários, e aí foi fácil descobrir a localização da agência do senhor Alex, mas foi aí algo me chamou mais atenção: o domicílio bancário do

senhor Alex estava situado aqui na cidade de Campos dos Goytacazes, diferente dos demais funcionários, que eram todos de Sergipe...

Machado fez um gesto com a mão para chamar ainda mais a atenção dos monges.

– Na mesma folha de pagamento também havia outro valor, este muito mais expressivo e que também tinha algo em comum: o domicílio bancário aqui em Campos, só que essa conta...

Machado levantou o indicador da mão direita...

– Pertence a esse Monastério...

Machado esperou por uma reação geral, que não veio...

– Daí fazer uma pesquisa entre Monastério e cruzando os dados, foi fácil perceber que o senhor Alex da folha de pagamento faria parte deste Monastério e foi assim que cheguei aqui...

Machado parou um pouco, fechou os olhos e deu uma longa suspirada. Lembrou-se da sua missão ali e lembrou que não podia perder o foco...

Machado abriu os olhos, um dos monges que nada falava estava lhe estendendo outro copo cheio d'água. Ele sorriu e agradeceu com um leve meneio de cabeça e o sorveu para acalmar-se...

– Doutor Machado, espero que seja o mais honesto em sua resposta: passou essa descoberta para o seu contratante?

– Esta última, ainda não senhor, ainda não...

– E por que ainda não?

– Eu via esse dado como uma possibilidade, mas não como uma certeza... Então não quis arriscar... Vim aqui tentar o contato com Frei Alex e dependendo do resultado, relatarei ao meu cliente.

Machado percebeu que o monge não estava acreditando nele...

– Não queria levar ao meu contratante uma possibilidade, quero levar resultado, esse é o meu papel, pois tenho um nome a zelar e é foi assim que vim parar aqui e por isso preciso falar com o Frei Alex...

– Então quando o senhor retornar, com certeza, irá relatar tudo o que se passou aqui?

Machado percebeu que havia cometido um erro. Sua autoconfiança o traíra. Precisava corrigir a situação ou poria tudo a perder...

– Veja bem, senhor Monge, vim de Sergipe, não foi uma viagem fácil... Foram dois dias de viagem até aqui... Não sou um advogado de posses, e vim com recursos próprios, vim de ônibus, não conhecia nada aqui na região sul, estou tendo custos, para permanecer aqui...

Machado viu que os monges continuavam atentos...

– Então preciso apresentar relatório de despesas ao meu contratante para que essa despesa seja ressarcida... Na verdade estou tirando parte da subsistência da minha família para estar aqui...

– Entendo doutor, entendo...

– Mas isso não quer dizer que tenha que relatar tudo...

– Agora não entendi doutor, o senhor por acaso seria capaz de mentir para os seus contratantes?

– Não precisarei mentir, precisarei apenas dar o relato das minhas despesas. Tinha uma pista, fui atrás desta pista... Eles me contrataram para correr atrás desta pista, então cumpri o meu dever...

O monge fez um ar que não estava acreditando naquilo que Machado dizia...

– Monge, na minha profissão, detalhes são importantes, mas mais importantes do que os detalhes é saber utilizar os detalhes na hora certa, no momento certo... Um detalhe certo na hora errada não é eficaz; um detalhe errado na hora certa não é suficiente... Tem que ser o detalhe certo e na hora certa...

O monge o acompanhava o raciocínio de Machado com o olhar...

– E nem sempre usar toda a informação de uma só vez é o mais sábio... Mas devo confessar claramente ao senhor que seria mais exitoso se conseguisse me entrevistar com Frei Alex e saber se ele teria esse contato com o Senhor Victor Hugo...

– Sim, e esse é outro detalhe: o que leva o senhor a acreditar que Frei Alex teria o contato desse outro rapaz?

– Além das contas bancárias que já mencionei, mais nada! É apenas uma expectativa, Monge, apenas uma esperança... Foi por isso que não levei nada ao meu contratante ainda...

– Ainda há uma questão, doutor!

– Pois não?

– Vossa senhoria insinuou que Frei Alex teria responsabilidade pelo rapaz... O que o conduziu a essa expectativa?

– Foi por dedução...

– Por dedução?

– Tudo o que descobrimos até agora sobre o império está em nome do senhor Victor Hugo. Mas até agora não descobrimos nada que ilustrasse pagamento algum para o senhor Victor Hugo.

– O senhor ainda não nos respondeu...

– Tem mais: o Frei Alex tem o mesmo sobrenome do falecido. O senhor Victor Hugo tem o último sobrenome igual ao de Frei Alex e do Senhor Sebastião;